

## QUINTILIANO, UMA VOZ HISPÂNICA

---

*Manuel Alexandre Júnior*

Nascido por volta de 35 a.D. em Calahorra, Espanha,<sup>1</sup> Quintiliano terá recebido aí a sua formação básica,<sup>2</sup> precisamente num tempo em que aquela província do império se afirmava como um importante centro da cultura romana, e em que igualmente foram nascendo figuras tão distintas como as de Pompónio, Contumela, Lucano, Marcial, e os dois Sénecas. Da sua cidade natal foi depois enviado a estudar retórica na capital do império,<sup>3</sup> e para ela terá voltado após a conclusão dos seus estudos, não muito depois da morte de Domício Afer em 59 a. D.<sup>4</sup> Não foi, porém, longo o tempo que então passou na pátria de origem, pois em 68 acompanhou Galba no seu regresso a Roma e aparentemente jamais daí saiu.

A avaliar pela sua monumental obra, Quintiliano assumiu em pleno a vocação de mestre de retórica e educador da juventude: não, porém, como um mestre vulgar ou um simples advogado, apenas interessado em fazer carreira e em ganhar dinheiro, mas como uma referência moral que

---

<sup>1</sup> Ausónio, *Professors of Bordeaux* V,i,7. Não se conhece ao certo a data do seu nascimento: Kennedy aponta para uma data em torno de 40 a. D. (*Quintilian*, New York, 1969, 13-14), mas Murphy (*On the Early Education of the Citizen-Orator*, New York, 1965, vii) e Peterson (*M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Liber Decimus*, Hildesheim, iii) sustentam a de 35 a.D.

<sup>2</sup> Vide George Kennedy, *A New History of Classical Rhetoric*, Princeton, Princeton University Press, 1994, 177: "His early education was probably in Spain, but he was in Rome at least by 57".

<sup>3</sup> Esta prática era corrente, em especial no seio das famílias com recursos.

<sup>4</sup> Cf. George Kennedy, *Ibid.*, 18.

se empenhou a fundo na transformação real da situação vigente e na elevação do ensino a padrões de excelência. Porque se demorou na Hispânia todos esses anos, ele pôde ver e sentir à distância o estado da educação na capital do império. E porque sensibilizado pelos valores que se cultivavam na pátria distante, ele pôde talvez perceber ainda melhor a razão dos vícios que aos poucos iam minando e fragilizando a vida e o carácter da sociedade reinante. A monumental obra que produziu a coroar tão brilhante carreira, essa testemunha a determinação acérrima do seu projecto e continua até ao presente a dar os seus frutos, como voz cujo eco venceu os séculos que dele nos separam, e hoje de novo se faz ouvir com relevante actualidade.

O princípio fundamental que impregna o seu sistema de educação é o de que o orador deve ser um homem bom.<sup>5</sup> Esta é uma ideia expressa logo na abertura do seu tratado; ideia que está implícita ou explicitamente presente na obra inteira e recebe um tratamento especial no último livro.<sup>6</sup> Como princípio dominante, ela determina o modo como Quintiliano trata cada uma das grandes questões da retórica, e mostra bem os valores por que apaixonadamente lutou.

### Mais do que o produto de uma cultura retórica

A doutrina pedagógica de Quintiliano é mais do que uma cultura ou uma teoria. Se ela se situa na linha da tradição aristotélica ou peripatética, resulta aprofundada, enriquecida e revalorizada na sua verdadeira essência. Platão sustenta que as qualidades morais e a perfeição da eloquência formam um todo indissolúvel. Tanto no *Górgias* como no *Fedro* a retórica só é válida se contribui para tornar os homens melhores. Aristóteles declara na *Retórica* (1356a5) que "é o carácter moral do orador que induz à persuasão, quando o discurso é encaminhado por forma a que o orador inspire a confiança". Cícero sustenta que a eloquência é tanto uma arte de pensar como uma arte de falar: no *Orator* (14) afirma que não pode ser eloquente quem não é filósofo; no *De oratore* (1.83) acrescenta que, para se ser eloquente, é necessário terem-se todas as virtudes, e que só as tem quem é sábio. Também, segundo ele, a filosofia e a eloquência são inseparáveis: tão inseparáveis como dois irmãos gémeos que permanentemente se entrem ajudam e completam, diria Fílon de Alexandria. Ou, como melhor diriam os estóicos, um só λόγος com duas manifestações distintas: um λόγος ἐνδιάθετος conceptualizado na mente, e um λόγος προφορικός verbalizado pelo con-

<sup>5</sup> *Institutio oratoria* 1.9; 12.1: *non posse oratorem esse nisi uirum bonum*.

<sup>6</sup> *Institutio oratoria* 1.pref.9; 2.15.1; 2.16.11; 2.16.31; 2.16.43; 2.20.4; 2.21.12. 12.1.1-11.31.

curso da linguagem. Quintiliano, contudo, reescreve toda a doutrina materializada no conceito do *uir bonus dicendi peritus*, e vai muito além.

Situado no ambiente de uma cultura retórica ideologicamente marcada pela tradição sofística e pelo pragmatismo da época, Quintiliano pensa acima de tudo naqueles que é necessário educar. Pensa, como Platão, no bem da cidade e considera a formação do homem público como a sua missão suprema. Ele sabe que a retórica tem implicações práticas vitais na carreira dos seus alunos, independentemente do conteúdo do ensino recebido ou da forma como este é ministrado. Contempla portanto a retórica como parte integrante de uma filosofia pedagógica que valoriza a alma humana e põe o acento tônico nos valores morais. Se os cânones estruturais da cultura retórica da época enformam teoricamente o seu modelo de educação, a prática retórica adoptada visa moldar o estudante com o fim último de transformar a própria sociedade: uma retórica que deste modo se apresenta como a principal arte responsável pela modelação e coloração do carácter público.<sup>7</sup>

À semelhança de Platão no fim do *Phaedrus*, e de Cícero no *Orator*, Quintiliano começa por dizer que se propõe contribuir com a sua obra para a formação do orador perfeito. Ocupa-se, no primeiro livro, dos estudos pré-retóricos. No segundo, disserta sobre a natureza da retórica e os estudos encetados com o professor de retórica. Dedicar a seguir cinco livros à busca ou descoberta dos argumentos, e quatro a matérias relacionadas com o estilo, a composição e a pronúncia do discurso. Encerra, enfim, com um livro inteiramente consagrado à pessoa e às qualidades do orador. De forma natural e graduada, Quintiliano toca a fundo em cada uma das grandes questões relacionadas com a educação do orador praticamente desde o berço até à sua aposentação.

Neste seu alargado programa de educação, é significativa a atenção que Quintiliano dá aos ditos *progymnasmata*, ou exercícios preparatórios de composição retórica.<sup>8</sup> É, aliás, o primeiro autor latino a fazê-lo, dando

<sup>7</sup> Thomas Farrell, *Norms of Rhetorical Culture*, New Haven and London, Yale University Press, 1993, 63. "As a practice, then, rhetoric, possesses the agonistic tendencies of logos: to contend, contest, and thus perfect the mutual capacity of speaker and audience for responsible conduct" (*loc. cit.*).

<sup>8</sup> É o primeiro tratamento explícito dado por um autor latino aos exercícios preparatórios, e cronologicamente bem próximo do de Téon de Alexandria (cf. Italo Lana, *Quintiliano, il "Sublime" e gli "Esercizi preparatori" di Elio Teone*, Torino, Giappichelli, 1951), que é o primeiro tratado existente em grego sobre os *Progymnasmata*. A primeira referência aos *progymnasmata* como "exercícios preparatórios" encontra-se na *Retórica a Alexandre* (28). Mas só na *Rhetorica ad Herennium* se lhes dá tratamento explícito. O seu autor mostra familiaridade com a "narração" enquanto exercício de composição (1.12), e também com as formas de argumentação que representam a elaboração de uma máxima ou uma cria: nomeadamente a *absolutissima et perfectissima argumentatio* (2.28-30), e a *tractatio* (4.56-58)

claro sinal do estatuto que este sistema de exercícios graduados então ocupa nas escolas romanas. Quintiliano menciona praticamente todos os exercícios preparatórios em dois lugares coincidentes da sua obra, e com algum desenvolvimento<sup>9</sup>: seis, no final da discussão dada ao ciclo de estudos que tinham lugar nas escolas de gramática (1.9);<sup>10</sup> oito, na atenção dada aos estudos de retórica (2.4).<sup>11</sup> Os dois únicos exercícios não claramente referidos como tal são a descrição e a etopeia: o primeiro, é entretanto mencionado como integrando a narração,<sup>12</sup> e um e outro são incluídos no tratamento dado às figuras de pensamento.<sup>13</sup>

Não menos significativo é o facto de Quintiliano criticar os retóricos latinos por estes negligenciarem o ensino de alguns destes proginasmata<sup>14</sup> em proveito dos gramáticos, ao contrário do que acontecia nas escolas gregas.<sup>15</sup> Mas a questão fundamental da sua batalha pedagógica tem sobretudo a ver com a necessidade de estes exercícios se ensinarem e praticarem sempre com um fim último em vista: a imitação do mestre, a imitação dos modelos literários adoptados, e a imitação dos valores que estes potenciam. Tanto na escola de gramática como na de retórica impunha-se com eles a exercitação mimética, enquanto harmonia conjugada de teoria e prática, e enquanto convergente combinação das técnicas de estilo, argumentação e composição com as da formação do carácter moral do estudante.<sup>16</sup>

<sup>9</sup> Estes exercícios são importantes pelo destacado lugar que ocupam na sua obra, mas não por serem "the earliest surviving descriptions of the whole scale of exercises in the art of speaking", como T. Viljamaa afirma ("From Grammar to Rhetoric. First Exercises in Composition according to Quintilian", *Actos 22*, 1988, 185). De facto, o primeiro manual existente dos proginasmata, o de Téon de Alexandria, situa-se em meados do primeiro século a. D. e não no segundo.

<sup>10</sup> Fábula, narração, paráfrase (?), provérbio, cria, e etologia (será a delineação de carácter?).

<sup>11</sup> Narração, descrição (?), refutação e confirmação, elogio e censura, comparação, lugares comuns, teses, e discussão de uma lei.

<sup>12</sup> *Institutio oratoria* 4.3.12-17. A descrição e a etopeia são, aliás, dois exercícios que merecem posteriormente de Quintiliano uma atenção muito especial (cf. 3.8.49-54).

<sup>13</sup> *Institutio oratoria* 6.1.25-26.

<sup>14</sup> O nome que por esta altura os gregos davam a estes exercícios era o de γυμνάσματα, ou προγυμνάσματα, traduzido por Quintiliano como *primae exercitationes*, e por Prisciano de Cesareia, em sua versão latina dos *Progymnasmata* de Hermógenes, como *praeexercitamina*.

<sup>15</sup> *Institutio oratoria* 1.9.6; 2.1.6 e 12-13.

<sup>16</sup> Quintiliano propõe o método da *imitatio* tanto sob a orientação do professor de gramática como sob a do professor de retórica, pois, como afirma "é indubitável que grande parte da arte consiste na imitação" (10.2.1).



### Uma voz que projecta na educação a sua visão ética da vida

Depois de vinte anos de ensino,<sup>17</sup> já a entrar no outono da vida, Quintiliano foi enfim persuadido pelos amigos a escrever o seu *opus magnum*. Não porque não existissem outras obras sobre o assunto, mas porque a prática da sua carreira académica mostrava que ele tinha algo de novo a dizer. E os resultados provam-no. Como justamente observa George Kennedy,

"Quintilian emerges from his work as a humane, likeable, and in many ways admirable man. He was a professional educator with high standards, patience, and respect for his students; he...combined the authority of his position with personal modesty; his lofty cultural vision of the ideal orator, something he thought still possible in Rome, is tempered with a realistic sense of what individuals could achieve and the times demanded".<sup>18</sup>

De facto, nenhum outro escritor romano enfatiza tanto o carácter moral do orador. Em cada fase do programa de educação proposto, em cada secção da *Institutio oratoria*, está presente a tónica da sua mensagem inicial:

Oratorem autem instituimus illum perfectum, qui esse nisi uir bonus non potest; ideoque non dicendi modo eximiam in eo facultatem sed omnes animi uirtutes exigimus.<sup>19</sup>

Esta é uma das componentes que mais contribuem para fazer da obra de Quintiliano "o tratado de educação talvez mais ambicioso que o mundo antigo produziu".<sup>20</sup> Escrita no reinado de Domiciano, em ambiente de assinalável corrupção social e de flagrante ausência das liberdades fundamentais, esta obra reflecte grande coragem e uma não menor esperança. Pois o que Quintiliano mais ansiosamente deseja ver é a inversão

<sup>17</sup> Quintiliano diz-nos na sua obra sobre *A educação do orador* que ensinou retórica durante vinte anos em Roma (*Institutio oratoria* 1.pref.1), e que depois gastou dois anos completos a produzi-la, devotando a maior parte do seu tempo a investigar e ler o que outros autores haviam dito sobre o assunto (*Ep. ad Triph.* 1).

<sup>18</sup> *A New History of Classical Rhetoric*, Princeton, Princeton University Press, 1994, 181.

<sup>19</sup> "O nosso objectivo é, pois, a educação do orador perfeito, que ninguém mais pode ser senão um homem bom. Por isso, exigimos dele não só a posse de um excepcional dom de palavra, mas também a de todas as virtudes de carácter." (*Institutio oratoria* 1.pref.9.).

<sup>20</sup> James J. Murphy, *On the Early Education of the Citizen-Orator: Institutio Oratoria Book I, and Book II, Chapters One Through Ten*, Indianapolis, Bobbs-Merrill, 1965, xi. "The *Institutio oratoria* has been described as four major works blended into one: a treatise on education, a manual of rhetoric, a reader's guide to the best authors, and a handbook on the moral duties of the orator" (*loc. cit.*). Cf. Charles E. Little, *Quintilian the Schoolmaster*, 2 vols., Nashville, George Peabody College for Teachers, 1951, II, 41.

radical desta pungente situação, mercê de uma nova escola de oradores que encham os tribunais, o senado, as assembleias, e a praça pública com discursos eficazes que estejam impregnados de uma autoridade que emane da própria vida.<sup>21</sup>

Esta sua insistência no facto de que só um homem bom pode ser um bom orador parece ser de inspiração estóica, mas ajusta-se perfeitamente ao ideal da tradição romana: "a man austerely moral, self-reliant, public spirited";<sup>22</sup> um orador que, nas palavras de Catão, seja um *uir bonus dicendi peritus*, mas que o seja com a maior e a mais importante de todas as qualidades à cabeça, isto é, "que ele seja um homem bom".<sup>23</sup> Testemunham-no os argumentos que avança para o provar.<sup>24</sup> Igualmente o testemunha o persistente cuidado que tem em definir as qualidades morais do orador e em as associar com as grandes virtudes romanas do passado.<sup>25</sup>

A sua discussão sobre a ética do orador não se limita, porém, a um mero idealismo teórico. Embora as condições sociais da época fossem extremamente limitativas e adversas à concretização prática do orador ideal, e Quintiliano fosse aparentemente um leal colaborador do regime<sup>26</sup> – "political activity under an emperor like Domitian was unfeasible and the philosophical environment was sterile"<sup>27</sup> –, ele não deixa de investir pedagogicamente na concretização do seu ideal. Quintiliano crê, aliás, que só há vantagem em se conseguir materializar a contribuição do orador filósofo, e por isso lamenta a tendencial ruptura entre a retórica e a filosofia, dizendo:

Utinamque sit tempus unquam, quo perfectus aliquis, qualem optamus, orator hanc artem superbo nomine et utiis quorundam bona eius corrup-

<sup>21</sup> *Institutio oratoria* 12.11.1

<sup>22</sup> George Kennedy, *Quintilian*, 124.

<sup>23</sup> *Institutio oratoria* 12.1.1.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 12.1.1-13.

<sup>25</sup> *Ibid.*, 12.2.7-8.

<sup>26</sup> Cf. George Kennedy, *A New History of Classical Rhetoric*, 181: "Domitian's father Vespasian, who was responsible for Quintilian's rise to fame, was one of the best of the emperors of the century, and Domitian himself, especially during the early years of his reign was a competent administrator. Quintilian was a loyal supporter of the regime. As such, he doubtless had to overlook some actions with which he may not have been extremely valuable to know that a man like Quintilian could support it enthusiastically, and his view helps to counterbalance the lurid picture of the time given by Tacitus, Suetonius, and Juvenal".

<sup>27</sup> George Kennedy, *Quintilian*, 131.

pentium iuisam uindicet sibi ac, uelut rebus repititis, in corpus eloquentiae adducat.<sup>28</sup>

É, aliás, esse o contexto adverso que Quintiliano pretende alterar, e é nesse contexto que corajosamente reflecte sobre as funções do orador perfeito, nos seguintes termos:

Non enim forensem quandam instituimus operam nec mercennariam uocem nec, ut asperioribus uerbis parcamus, non inutilem sane litium aduocatum, quem denique causidicum uulgo uocant, sed uirum cum ingenii natura praestantem tum uero tot pulcherrimas artes penitus mente complexum, datum tandem rebus humanis, qualem nulla antea uetustas cognouerit, singularem perfectumque undique, optima sentientem optimeque dicentem. In hoc quota pars erit, quod aut innocentes tuebitur aut improborum scelera compescet, aut in pecuniariis quaestionibus ueritati contra calumniam aderit? Summus ille quidem in his quoque operibus fuerit, sed maioribus clarius elucebit, cum regenda senatus consilia et popularis error ad meliora ducendus.<sup>29</sup>

E termina as suas reflexões com o seguinte argumento de autoridade:

An non talem quendam uidetur finxisse Vergilius, quem in seditione uulgi iam faces et saxa iaculantis moderatorem dedit:

*Tum pietate grauem ac meritis si forte uirum quem  
Conspexere, silent arrectisque auribus adstant?*<sup>30</sup>

Habemus igitur ante omnia uirum bonum, post haec adiiciet dicendi peritum:  
*Ille regit dictis animos et pectora mulcet.*<sup>31</sup>

<sup>28</sup> *Institutio oratoria*, 12.2.9: "Oh quem me dera o dia em que o orador perfeito que desejamos reclame como possessão sua esta arte, que tão odiada se tornou pelo seu nome arrogante e pelos vícios dos que corrompem seus benefícios, e a traga de volta ao domínio da eloquência, como se da recuperação de uma propriedade roubada se tratasse".

<sup>29</sup> *Institutio oratoria*, 12.1.25-26: "Pois não estamos a formar nenhum funcionário público ou alguma voz apenas motivada pelo lucro ou, para evitar termos mais fortes, um advogado razoavelmente competente em litígios geralmente conhecidos por *causidici*, mas um homem de extraordinários dons naturais e profundamente conhecedor de todos os mais nobres ramos do saber, um homem enviado do céu para bênção da humanidade, um daqueles que nunca antes se conheceu, singularmente perfeito em tudo, tão excelente no pensar como no falar. Que pequena parte destas faculdades se requererá para a defesa do inocente, a repressão do crime ou o apoio da verdade contra a fraude em questões de finanças? O nosso orador ideal participará também nestas actividades, mas ele brilhará com mais esplendor no tratamento de matérias mais elevadas, quando tiver de reger as deliberações do senado e conduzir o povo do erro para melhores fins."

<sup>30</sup> "Então, se um distinto estadista diante dele se apresenta, de virtude e meritórios serviços coroadado, imediatamente fica mudo e de ouvidos bem atentos" (*Aeneida* 1.151ss.)

A importância que Quintiliano dá a exercícios como a máxima e a cria, pela força retórica que têm, testemunha igualmente as motivações básicas do seu sistema educativo. Mais do que Aristóteles, Quintiliano consistentemente reconhece que a força retórica do discurso gnómico reside, não tanto na sua qualidade probatória, mas sobretudo na sua qualidade pessoal e evocativa.<sup>32</sup> Diz, a certa altura, que os seus professores o costumavam exercitar, a ele e aos colegas, no tratamento das questões forenses, recorrendo a uma forma de exercícios simultaneamente útil e atraente que se chamava *chria*.<sup>33</sup>

### Uma referência moral

Por detrás destes princípios de pedagogia estão naturalmente a sua experiência e os valores em que acredita. É por isso que repudia todo o estudo de retórica que tem por fim imediato o benefício do orador. Como diria Jean Cousin, "Ce qui lui importe, c'est que l'orateur se fasse de l'éloquence une idée toute divine, et que, pour lui donner l'éclat auquel elle a droit, il lui consacre le meilleur de son temps... Ainsi l'orateur obéira aux desseins de la Providence, selon qui les choses honnêtes sont aussi les plus agréables".<sup>34</sup>

O ideal de Quintiliano era fazer do orador uma espécie de sábio romano: o ideal de poder moldá-lo à imagem e semelhança de um verdadeiro homem de estado, tanto na prática como na experiência da vida.<sup>35</sup> Foi fundado na ideia de que o homem nasceu para pensar e tem por natureza o desejo de saber;<sup>36</sup> firmado, sim, na convicção platónica de que o verdadeiramente sábio é aquele que mostra por fora a imagem da sua real beleza de carácter,<sup>37</sup> que Quintiliano ousou construir o seu modelo

<sup>31</sup> "Aqui está, pois, alguém que é acima de tudo um homem bom, e é apenas em função disso que o poeta acrescenta ser ele hábil no falar: *Ele rege as suas mentes, e controla as suas paixões.*"

<sup>32</sup> Ian H. Henderson, "Quintilian and the Progymnasmata", *Antike und Abendland* 37, 1991, 85.

<sup>33</sup> *Institutio oratoria*, 2.4.26.

<sup>34</sup> Jean Cousin, *Études sur Quintilien*, Tome I: Contribution à la recherche des sources de l'Institution Oratoire, Amsterdam, Schippers, 1967, 104. Como assinala Jean Cousin, esta ideia lembra o pensamento de Cícero no *De finibus* 5.20.

<sup>35</sup> *Institutio oratoria* 12.2.7: *Atqui ego illum, quem instituo, Romanum quendam uelim esse sapientem.*

<sup>36</sup> *Ibid.*, 1.1.1. De harmonia com Aristóteles, *Metaphysica*, 1.1.

<sup>37</sup> Na oração com que encerra o *Fedro*, uma oração dirigida a Pan e a todos os demais deuses da região, Sócrates pede que os deuses lhe concedam ser verdadeiramente belo por dentro e que tudo quanto tem no exterior seja a reprodução perfeita do que é no interior (*Phaedrus*, 279b8-c3).



pedagógico com base em padrões de excelência. Por isso, pôs a tónica do seu ensino no princípio moral da formação do indivíduo com base numa dupla convicção: primeiro, que se o orador é um homem bom não resta dúvida quanto à utilidade da retórica;<sup>38</sup> segundo, que só um homem bom pode ser orador perfeito, porque reflecte no exterior a perfeita harmonia da sua alma interior.<sup>39</sup>

Nesta sua feliz combinação de teoria e prática, Quintiliano alia o ensino ao modelos vivos da eloquência com o propósito de concretizar no orador uma dupla perfeição. Segundo ele, o orador tem por objectivo supremo ser perfeito tanto na glória de uma vida virtuosa como na da eloquência. E só o conseguirá, se eleger como modelos de eloquência os mais excelentes mestres de oratória, e escolher para a formação do carácter os mais nobres preceitos e o mais directo caminho para a virtude. Ele se exercitará de preferência em tudo o que concorre para tornar significativa a acção e a vida: na virtude, no bem comum, na providência, na amizade, na natureza dos genuínos bens e na verdadeira liberdade. A história nacional lhe fornecerá exemplos memoráveis de justiça, fé, coragem, temperança, frugalidade, aceitação da dor e da própria morte, e com ela aprenderá que o título de orador perfeito apenas pertence a quem sabe e ousa tão somente falar a linguagem da virtude.<sup>40</sup>

É difícil avaliar a dimensão da influência de Quintiliano no seu tempo e nas gerações vindouras. Mas o que sabemos basta para reconhecer o contributo desta tão celebrada voz hispânica que tanto se deu para enformar a vida e o carácter da juventude romana, em geral ávida de aprender e de saber. A sua ênfase nos valores morais, como factor primordial de educação, deixou uma impressão profunda na sociedade dissoluta do seu tempo.<sup>41</sup> Jerónimo observa que foi ele a primeira pessoa a conduzir uma escola pública em Roma,<sup>42</sup> granjeando com isso o maior

<sup>38</sup> *Institutio oratoria* 2.16.11.

<sup>39</sup> Conceito de inspiração estóica, possivelmente derivado de Posidónio, mas também presente nos diálogos de Platão. O orador deve ser perfeito não só em conhecimento, mas também em sabedoria e na arte de falar. E por sabedoria deve entender-se a soma de todas as virtudes. Pois, como decisivamente afirma Quintiliano, "eu não exijo apenas do orador um raro talento de eloquência, mas também todas as qualidades da alma" (*Inst. Orat.* 1.1.9). Cf. Seth Bernardete, *The Rhetoric of Morality and Philosophy: Plato's Gorgias and Phaedrus*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1991, 193.

<sup>40</sup> *Institutio oratoria* 12.2.26-31.

<sup>41</sup> James J. Murphy, *On the Early Education of the Citizen-Orator*, Indianapolis, Bobbs-Merrill, 1965, viii.

<sup>42</sup> *Quintilianus, ex Hispania Calagurritanus, primus Romae publicam scholam et salarium e fisco accepit et claruit.*

sucesso na formação de uma classe governante inteligente e responsável. Juvenal sublinha várias vezes a boa influência de Quintiliano sobre a juventude,<sup>43</sup> e refere-o como o exemplo paradigmático do mestre que prosperou no exercício da sua função docente.<sup>44</sup> Marcial dirige-lhe palavras muito elogiosas num dos seus poemas:

*Quintiliane, uagae moderator summe iuuentae,  
Gloria Romanae, Quintiliane, togae.*<sup>45</sup>

Qual monumento vestido de glória – plasmado no perfil ético do seu carácter, na metodologia e força moral do seu ensino, na singularidade da sua obra – Quintiliano não só exerceu uma salutar influência sobre a juventude activa do seu tempo, como também deixou até aos nossos dias as indeléveis marcas da sua presença.<sup>46</sup> Martinho Lutero, por exemplo, testemunhou que preferia Quintiliano a quase todas as demais autoridades sobre educação, porque, como diz, "enquanto ensina, ele nos dá um modelo de eloquência. Ensina mediante a feliz combinação de teoria e prática".<sup>47</sup>

No final da sua obra, Quintiliano interroga-se sobre a possibilidade de alguém vir a atingir algum dia a estatura do orador ideal. Tarefa que reconhece difícil, e por isso aponta para a necessidade de se investir pacientemente na educação, como uma daquelas coisas grandes e admiráveis que requerem tempo antes de começar a dar fruto. E a provar que afinal tinha razão e o seu ideal não era de todo impossível, aí estão os cinco imperadores que sucederam a Domiciano: Nerva, Trajano, Hadriano, Antonino Pio e Marco Aurélio.<sup>48</sup>

---

<sup>43</sup> F. H. Colson dedica quarenta e uma páginas à influência de Quintiliano na sua introdução à edição do Livro I da *Institutio oratoria* (*M. Fabii Quintiliani institutionis oratoriae liber I*, Cambridge, University Press, 1924, xliii-lxxxix).

<sup>44</sup> *Sátiras* 7.188-189.

<sup>45</sup> "Ó Quintiliano, supremo guia da juventude errante, Glória da toga romana, ó Quintiliano" (*Epigramas* 2.90).

<sup>46</sup> Sobre a influência de Quintiliano, ver F.H.Colson, *op. cit.*, xliii-lxxxix.

<sup>47</sup> Vide F.H. Colson, *op. cit.*, lxxiii.

<sup>48</sup> Vide George Kennedy, *A New History of Classical Rhetoric*, 182.